

## Resenha do livro: *ANOS LOUCOS*

Oliveira, L. E. P. de. *ANOS LOUCOS: Histórias da psicanálise às margens dos anos 1920. Seguido do Diário de Sophie Halberstadt-Freud*. São Paulo: Editora Autêntica, 2022.<sup>1</sup>

Francisco Verardi Bocca<sup>2</sup>

O professor Prado (p. 213) finaliza sua obra, intitulada *Anos loucos. Histórias da psicanálise às margens dos anos 1920*, declarando que a esta altura a psicanálise vai acabando e ninguém vê. Contudo, ele não quer dizer que este seria um motivo para deixarmos de dela nos ocuparmos e dela revelar mais e mais verdades de bastidores. Isto porque, é também verdade que embora a psicanálise desperte cada vez menos interesse no mundo contemporâneo, sobrevivem hoje modos variados e refinados de abordá-la. Um deles é o que Prado, com a colaboração de Marta, apresenta nesta obra e em tantas outras já publicadas. A abordagem histórica-biográfica da psicanálise apresentada neste livro tem foco em seus atores e atinge com vigor seus objetivos.

Privilegiando os anos vinte do século XX, Prado define o título da obra e o seu conteúdo. O desafio da contextualização histórica da psicanálise segue em função do material a que sua pesquisa recorre, como biografias, autobiografias, cartas, diários, rascunhos, bilhetes. Um conjunto de fontes que, deve-se admitir, são menos confiáveis do que os acadêmicos chamam de obra publicada em edição crítica, endossada algumas vezes pelo próprio autor e sempre pela comunidade especializada, acadêmica e editorial. Contudo, como diz o professor Prado, as cartas contam a história das teorias e a elas permanecem associadas umbilicalmente, o que não se pode negar.

Mas também não se pode deixar de levar em conta que os ecos desta associação umbilical também podem se apresentar como fonte de mistificações. Por exemplo, uma afirmação mal refletida dita por Freud no calor de uma missiva pode projetar toda uma névoa de obscurantismo sobre seu autor. Também é o caso de um dado biográfico, o da dedicatória que Freud escreveu de maneira elogiosa a Mussolini, lembra Prado. Cabe ao leitor a arte de separar o joio do trigo. Mais uma mistificação pode ser acrescentada, a de que a ocorrência de uma ou outra perda pessoal (Freud,

---

<sup>1</sup> Com a colaboração de Marta Raquel Colabone.

<sup>2</sup> Professor Titular do PPGF-PUCPR

como todos nós, sofreu muitas delas ao longo da vida) seria a responsável pela elaboração de certas concepções teóricas, como a pulsão de morte.

Digo isso, porque, é frequente o deixar de lado, ou em segundo plano, o fato de que o ponto de vista mortuário na obra de Freud sempre esteve presente em seu arcabouço teórico. Ele esteve presente, entre tantos exemplos, no ponto de vista inercial que Freud projetou sobre o aparelho neurológico em sua formulação de 1895, intitulado *Projeto para uma psicologia científica*. Este, sabe o leitor atento, foi retomado com certa frequência ao longo de sua obra, atingindo seu ápice em 1920, como Prado bem pontua.

Não é o caso desta obra, mas muitas vezes, fontes como as cartas e as biografias nos fazem confundir uma visão filosófica ou científica de mundo com uma circunstância de vida. No entanto, há ganhos no bom uso desse material de pesquisa, pois, como diz Iaconelli, ele também desmistifica seus criadores e revela sua humanidade. Tudo isso a obra de Prado o faz sem consistir em uma obra laudatória ou difamatória da psicanálise. A despeito da fina ironia e do bom humor que a permeia, ela chega a ser quase imparcial.

Sem desprezar outros, Prado parte do princípio de que uma teoria é efeito de uma vida. Isto faz todo sentido desde que não esqueçamos que uma teoria pode também ser compreendida como efeito, como disseram os filósofos estruturalistas, de uma certa “ordem das razões”. Até porque, Prado sabe muito bem que tanto a noção de Inconsciente, assim como a noção de um impulso que conduz todo organismo vivo ao inorgânico que o precedeu, não são produtos de uma única vida.

O fato é que, com toda competência que o caracteriza, Prado se vale do fato de que, como diz, o exame atento das cartas mostra que seus escritos teóricos (de Freud) frequentemente estão vinculados a pessoas e estas, ligadas entre si. Mas não apenas isto, Prado (p. 144) vai além e agrega a curiosa hipótese de que a obra *Além do princípio do prazer*, teria sido uma ideia deixada em Freud por ocasião da pintura do quadro *A jovem e a morte*, além de *A mãe e a morte*, ambas de Gustav Klimt.

Foi nesta abordagem que Prado revelou que a descoberta tardia do diário de Sophie Halberstadt-Freud (a mãe do bebê do *fort-da*) mostrou, digamos, inconsistências ou imprecisões na versão do caso relatado e publicado por Freud em *Além do princípio do prazer*, além de outras oportunidades posteriores a que a este caso se referiu. A entrada em cena da nova protagonista, negligenciada por Freud, permite ressignificar o caso e, em todo caso, talvez a própria psicanálise. Depois do diário de Sophie, ficamos sabendo que se tratava de uma brincadeira familiar e transgeracional, e não propriamente um *insight* ocasionado pela observação desinteressada do avô cientista.

Como visto, o recurso a esta fonte de pesquisa ajuda, e muito, como diz Prado, a entender como Freud “cozinhou” suas teorias, escondendo rostos familiares e também suas especulações. Especulações que, excetuada toda pejoração, entendo, e creio que o professor Prado estaria de acordo, como um poderoso procedimento heurístico de investigação anunciado por Freud em toda parte de sua obra. No entanto, segundo Prado (p. 137), em se tratando de uma ciência ou de um conjunto de ideias ao qual se atribui o estatuto de ciência, mais vale determinar as condições de sua emergência, no caso, suas condições de vida. No atendimento desta demanda, o livro traz ainda, na íntegra, documentos importantes como o próprio diário de Sophie, além de atas da sociedade psicanalítica de Viena.

Em suma, trata-se de uma história dos conceitos elaborados por Freud contada a partir de suas relações familiares especialmente, e secundariamente, a partir de suas relações profissionais, com colegas colaboradores e pacientes. Estranhamente, ou propositalmente, nesta obra Prado não traz nenhuma palavra sobre a relação de Freud com seus professores e nem em relação às teorias que deles absorveu e ressignificou.

Acrescento que a própria noção de anos loucos, tão bem e eruditamente contextualizada por Prado, deixa em segundo plano toda uma vida toda que bem poderia ser considerada louca ou genial. Para que meu acréscimo não fique no vazio, ou no “oco”, expressão cara a Prado, lembro de seu período como estagiário em Paris, em 1886, sob orientação de Charcot. Também chamaria estes anos, meses na verdade, de loucos, tanto no aspecto pessoal como teórico, uma vez que foi neste período que Freud tomou conhecimento efetivo das teorias psiquiátricas acerca da hereditariedade e da degeneração. Teorias que o influenciaram a ponto de recriá-las nos anos seguintes sob nova roupagem, sob as noções de fixação e regressão. Nelas, já se vê todos os traços de sua filosofia da história que culminou em sua tese mestra de 1920 acerca da cooperação entre pulsão de morte e princípio do prazer.

Com fixação e regressão Freud concebeu também um estado autoerótico, pré-civilizatório, que Prado (p. 195) se refere como narcisismo absoluto. Conceito presente no relatório de Sterba sobre uma reunião da sociedade psicanalítica de Viena, de 1930. Reunião dedicada à discussão do livro recentemente publicado por Freud, *O mal-estar na cultura*. Por este relato (p. 197), ficamos sabendo que o próprio Freud considerou que o mal-estar que a obra traz no título não consiste em um sentimento de desconforto na vida pessoal de cada um, mas algo atávico à humanidade.

A que estaria então este sentimento associado? Se tomarmos a obra de Freud em seu conjunto, veremos que a um processo declinista de degradação cultural que Freud já intuía há anos. Ponto de vista inclusive compartilhado desde a primeira década do século XX com Oswald Spengler, autor de *O declínio do ocidente*. Declínio que não era tão somente observado ou vivido circunstancialmente, mas admitido especulativamente como processo oculto da natureza e das sociedades. Neste caso, pode-se dizer que a felicidade que Freud, segundo Sterba, também alegou ser o objetivo da vida e que reconheceu que não havia teorizado suficientemente na obra, outra coisa não seria do que a felicidade no regresso ao narcisismo absoluto fixado em cada em cada homem que, juntos buscam o repouso, a inércia, a morte. Ou seja, buscam regredir à felicidade no isolamento narcísico.

Prado revelou esta especulação de Freud nos dando notícias de sua família simbiótica. Notícias obtidas por meio de um conjunto de cartas familiares, que Prado também chamou de “álbum de família”. Elas nos revelam uma família ao modelo de um organismo simbiótico, mas não o do tipo saudável, colaborativo e descentralizado, antes um organismo bem ilustrado pelo tipo de comunidade estabelecida em um líquen (composto de fungos mais algas), na qual os fungos escravizam as algas visando obter alimento e sustentação.

Como sugere Prado, em seu projeto de construção e manutenção de um organismo familiar Freud visava e praticava sua circunscrição e assim, sobrevivia de seus recursos emocionais enquanto os esgotava. Penso que estas cartas, dão à luz, a visão que animava o pensamento materialista de Freud sobre o mundo e a vida. Sua família simbiótica punha em prática um mundo e uma vida que se esgota a partir de seu interior. *Modus vivendi* de uma família que, pode-se dizer, se estendeu para aquém e para além dos anos 20 do século XX.

A psicanálise de Freud, e agora sabemos que também sua vida familiar e profissional, ilustram o ponto de vista termodinâmico-entrópico, laboriosamente elaborado desde o *gênese* (ao pó voltarás), mas não para todo o sempre, pois para Freud repetir tem um propósito, pôr fim a tudo.

Sinceramente, eu recomendo a leitura desta obra. Recomendo especialmente por seu método investigativo, rigoroso e documentado, como toda boa pesquisa acadêmica. Mais do que isso, recomendo aos leitores que debatam seus temas com o autor. Ele é bom nisso.